

UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA ESPACIAL NA CONTEMPORANEIDADE DO MUNICÍPIO DE INHUMAS - GO

A STUDY ON SPATIAL DYNAMICS IN THE CONTEMPORARY MUNICIPALITY OF INHUMAS - GO

RENATO ARAUJO TEIXEIRA

Instituto Federal de Goiás (IFG), Inhumas / GO
renato.teixeira@ifg.edu.br

RICARDO SOUSA DE JESUS JUNIOR

Secretaria Municipal de Educação – SME, Aparecida de Goiânia / GO
professoricardosousa@gmail.com

EMANUELE AUGUSTA DE SOUSA LOPES

Instituto Federal de Goiás (IFG), Inhumas / GO
emanueleaugusta1@gmail.com

FERNANDA VITÓRIA ALVES DOS SANTOS

Instituto Federal de Goiás (IFG), Inhumas / GO
fernandaalvez324@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa estudou a dinâmica espacial do município de Inhumas na contemporaneidade, motivada pela necessidade de atualizar dados da pesquisa de Teixeira (2013) sobre Inhumas e a Região Metropolitana de Goiânia (RMG). O objetivo geral foi analisar os aspectos socioespaciais de Inhumas/GO no contexto da RMG. Especificamente, contextualizou-se o uso e a ocupação do solo nos últimos anos; verificaram-se os principais impactos socioambientais decorrentes do agronegócio; e averiguou-se a dinâmica urbano-regional no âmbito metropolitano. A metodologia adotada seguiu a vertente de estudo de caso, com revisão bibliográfica e análise documental. O estudo de caso, aplicado a uma unidade territorial específica, permitiu aprofundamento e detalhamento, com etapas de campo e gabinete. Inicialmente, confrontou-se a tese de Teixeira (2013), segundo a qual Inhumas resistia ao avanço da metropolização de Goiânia. Em seguida, atualizaram-se os dados de 2010 até o presente, utilizando imagens de satélite e informações do Instituto Mauro Borges, IBGE e prefeituras da RMG. Posteriormente, tabularam-se dados socioeconômicos e produziram-se mapas, tabelas, gráficos, quadros e organogramas. Por fim, elaboraram-se sínteses sobre o papel regional de Inhumas no cenário socioeconômico goiano e relatórios conclusivos. Os resultados indicaram que, de 1990 até os dias atuais, Inhumas perdeu relevância na rede urbana de Goiânia. O Cerrado local foi gradualmente substituído por extensos canaviais, modificando paisagens e estruturas fundiárias em prol do setor energético. Goiás acompanhou a expansão da fronteira canavieira. No caso de Inhumas, apesar de fragilidades econômicas, observou-se um “descompasso” em relação a Goiânia: a monocultura da cana-de-açúcar, ao mesmo tempo que enfraqueceu arranjos produtivos diversificados, também conteve o “abraço ingrato” da metrópole, influenciando a economia e a gestão política local.

Palavras-chave: Dinâmica espacial, município, Inhumas, contemporaneidade.

Abstract: This research studied the spatial dynamics of the municipality of Inhumas in contemporary times, motivated by the need to update data from Teixeira's (2013) study on Inhumas and the Goiânia Metropolitan Region (RMG). The general objective was to analyze the socio-spatial aspects of Inhumas/GO within the context of the RMG. Specifically, it contextualized land use and occupation in recent years, identified the main socio-environmental impacts resulting from agribusiness, and examined urban-regional dynamics within the metropolitan framework. The adopted methodology followed a case study approach, incorporating bibliographic

review and document analysis. The case study, applied to a specific territorial unit, allowed for in-depth and detailed research, combining fieldwork and desk research. Initially, Teixeira's (2013) thesis, which argued that Inhumas resisted Goiânia's metropolitan expansion—was reassessed. Then, data from 2010 to the present were updated using satellite imagery and information from the Mauro Borges Institute, IBGE, and RMG municipal governments. Subsequently, socioeconomic data were tabulated, and maps, tables, graphs, charts, and organizational diagrams were produced. Finally, syntheses were developed on Inhumas' regional role in Goiás' socioeconomic landscape, along with conclusive reports. The results indicated that from 1990 to the present, Inhumas lost significance in Goiânia's urban network. The local Cerrado biome was gradually replaced by vast sugarcane fields, transforming landscapes and land structures in favor of the energy sector. Goiás followed the expansion of the sugarcane frontier. In the case of Inhumas, despite economic vulnerabilities, a "mismatch" in relation to Goiânia was observed: sugarcane monoculture, while weakening diversified productive arrangements, also restrained the "ungrateful embrace" of the metropolis, influencing the local economy and political governance.

Keywords: Spatial dynamics, municipality, Inhumas, contemporary period.

Introdução

A particularidade do município de Inhumas - GO fazer parte da Região Metropolitana de Goiânia (RMG) e, ao mesmo tempo, ser polo econômico do setor sucroalcooleiro, propicia um estudo singular no contexto regional goiano. Essa dualidade posiciona o município numa intersecção analítica inédita, onde os efeitos da expansão canavieira confrontam-se com as pressões metropolitanas, demandando novas abordagens teórico-metodológicas.

O estudo parte do seguinte questionamento: como Inhumas responde às demandas contraditórias impostas pelo avanço do agronegócio e pelo processo de metropolização de Goiânia? Como hipótese central, propõe-se que o município transformou-se num espaço de tensões estruturais, onde forças antagônicas - a atração metropolitana e a dinâmica agroindustrial - reconfiguram seu arranjo produtivo, gerando um peculiar "descompasso metropolitano".

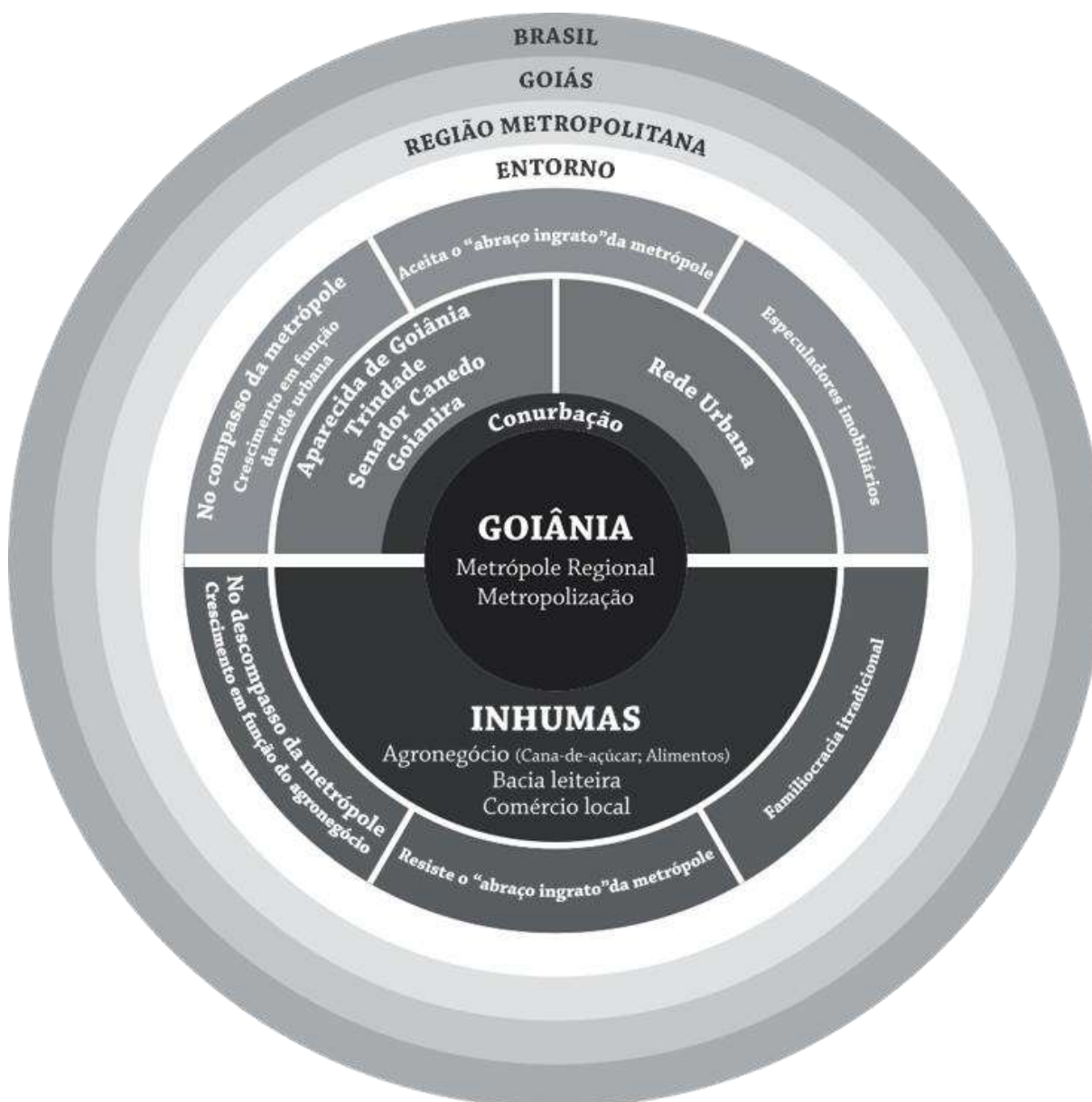
Observa-se que o padrão de metropolização em direção a Aparecida de Goiânia, Senador Canedo, Trindade e Goianira apresenta relativa simetria, com processos homogêneos de expansão urbana que diluem as fronteiras entre capital e entorno. Esse movimento uniformizador tende a reproduzir padrões socioespaciais semelhantes, inclusive na conformação de periferias urbanas.

Contrastantemente, Inhumas apresenta uma assimetria espacial marcante. Seu desenvolvimento socioeconômico não decorre exclusivamente da relação com a capital, mas sim da complexa interação entre: a inserção global mediada pelo agronegócio; as modernizações no espaço rural; e as estratégias dos atores políticos locais. Essa configuração

singular materializa desigualdades específicas, distintas daquelas geradas pelo processo metropolitano convencional.

Assim, enquanto outros municípios da RMG apresentam ritmos homogêneos de crescimento, Inhumas desenvolve uma trajetória própria, marcada pela tensão entre sua função agroindustrial e sua posição metropolitana. Essa contradição estrutural redefine tanto seu papel regional quanto suas dinâmicas internas de desenvolvimento. Conforme demonstra o organograma 01.

Organograma 01 – Município de Inhumas no descompasso da Metrôpole



Organização: Os autores (2025)

O Organograma 01 revela uma clara estrutura de dependência hierárquica entre Goiânia e os municípios integrantes da RMG. O fenômeno da metropolização manifesta-se concretamente através da assimilação de padrões metropolitanos pelos municípios do entorno, processo no qual as grandes cidades atuam como vetores de difusão da globalização, concentrando riquezas e promovendo a reprodução do capital.

Nesse contexto, observa-se que diversos municípios na fronteira metropolitana foram progressivamente incorporados a essa lógica territorial. Senador Canedo, Trindade, Aparecida de Goiânia e Goianira alinharam-se de forma acelerada a esse processo, conurbando-se com a metrópole e, conseqüentemente, perdendo suas particularidades locais em função da expansão goianiense. A proximidade geográfica com Goiânia desencadeou um processo de fragmentação dos tecidos urbanos nos municípios limítrofes, transformando-os em áreas receptoras das populações de baixa renda excluídas do mercado imobiliário da capital. Esse fenômeno urbano criou as condições estruturais para o desenvolvimento de um intenso processo especulativo no mercado de terras. Com isso, muitos especuladores imobiliários se aproveitaram desse conflito social pelo uso da terra urbana para reproduzirem capital.

Por outro lado, o município de Inhumas resiste ao “abraço ingrato” da metrópole, procurando resistir à influência especulativa dos empresários do solo urbano. Sua dinâmica própria de ser, ainda, reduto da bacia leiteira e do agronegócio, além de possuir um comércio local forte faz com que Inhumas não seja absorvido pela influência da metropolização. A gestão política local e atores hegemônicos oriundos da familiocracia de imigração estrangeira procuram evitar uma maior aproximação com a capital.

Diante desse quadro, Inhumas consegue ter uma “identidade” própria de ser um município singular da RMG, ou seja, sua condição socioeconômica local induz a uma polarização além das suas fronteiras, tendo um ritmo de crescimento assimétrico. O pulsar regional de Inhumas tende mais para o Goiás agrário, apesar de sofrer influência do Goiás metropolitano, por isso, da terminologia criada do descompasso da metrópole.

O descompasso metropolitano seus desdobramentos: uma análise das tensões socioespaciais em Inhumas / GO

O conceito de "descompasso metropolitano" emerge como categoria analítica fundamental para decifrar a condição singular de Inhumas/GO. Situado na Região Metropolitana de Goiânia (RMG), o município experimenta de forma tensionada o que Santos (1996) caracteriza como o "encontro de tempos diversos" no território. Enquanto a lógica metropolitana impulsiona uma integração funcional, pautada por fluxos de *commuters*, expansão imobiliária e uma expectativa de conurbação, a dinâmica do complexo sucroalcooleiro impõe uma territorialidade extensiva e autônoma, ancorada no monopólio do uso do solo pela cana-de-açúcar. Este antagonismo gera uma dissonância estrutural, na qual o município, formalmente integrado à RMG, opera sob um ritmo e uma lógica econômicos distintos, configurando o cerne do descompasso.

Os desdobramentos materiais desse descompasso se manifestam em tensões socioespaciais palpáveis. Por um lado, a pressão metropolitana gera demanda por infraestrutura urbana e serviços; por outro, a hegemonia do agronegócio canavieiro, frequentemente descrita como a formação de "arquipélagos de produção" (HAESBAERT, 2020), restringe a diversificação econômica e consolida uma paisagem de monocultura, limitando a expansão urbana e afetando a qualidade ambiental. Essa concorrência pelo território acentua conflitos fundiários e produz uma fragmentação socioespacial, onde a renda gerada pelo setor exportador não necessariamente se converte em melhorias urbanas para a coletividade, aprofundando desigualdades. Dessa forma, longe de ser uma mera justaposição de atividades, o caso de Inhumas ilustra, conforme prenunciava Milton Santos (2004), um "devir contraditório", no qual as forças da metropolização e do agronegócio reconfiguram o espaço em um movimento simultâneo e antagônico, exacerbando as contradições inerentes ao desenvolvimento regional periférico.

Assim emerge a condição geográfica do município de Inhumas, integrado à Região Metropolitana de Goiânia (RMG) e, simultaneamente, consolidado como polo do complexo sucroalcooleiro, configura um cenário analítico singular. Esta dupla inserção gera uma dinâmica socioespacial contraditória, na qual as pressões expansionistas e a lógica econômica metropolitana confrontam-se com a territorialidade extensiva e os impactos socioambientais

do agronegócio. É nesse contexto que emerge a noção de "descompasso metropolitano", entendido como a dissonância estrutural entre a lógica de integração funcional à metrópole e os imperativos de um desenvolvimento ancorado em uma monocultura de exportação. Tal descompasso não se resume a uma mera justaposição de atividades, mas manifesta-se como uma tensão constitutiva que redefine o arranjo produtivo, o uso do solo e as próprias dinâmicas de urbanização no município.

Especificamente, o "descompasso metropolitano" em Inhumas se materializa na concorrência por infraestrutura, mão de obra e território, onde a lógica do capital agroindustrial frequentemente sobrepõe-se ou entra em conflito com as necessidades de planejamento urbano-regional típicas de uma região metropolitana. Conforme sugere a literatura sobre modernização periférica (HAESBAERT, 2020), esse fenômeno ilustra como a inserção subordinada em circuitos globais de commodities pode gerar uma desconexão com o desenvolvimento urbano-regional integrado.

Dessa forma, o conceito capta a singularidade de um município que, embora formalmente integrado à RMG, vivencia um processo distinto de (des)articulação e interdependência, no qual sua função econômica hegemônica impõe um ritmo e uma direção próprios ao seu desenvolvimento, gerando um "descompasso" em relação ao conjunto da dinâmica metropolitana.

Rede de interdependências: a atração metropolitana de Goiânia como elemento estruturante de Inhumas

A atuação metropolitana de Goiânia sobre Inhumas estabelece-se como fator determinante na reconfiguração socioespacial municipal, ultrapassando a simples contiguidade territorial. Essa interação consubstancia-se em expressivos movimentos de população, capitais e informações, que solidificam a interdependência funcional típica de aglomerações metropolitanas. Segundo a perspectiva lefebvriana (1991) acerca da "explosão" urbana, a metrópole desempenha o papel de epicentro difusor de padrões econômicos e culturais que reestruturam as dinâmicas das localidades periféricas. Em Inhumas, essa influência concretiza-se mediante a expansão imobiliária, a carência de serviços especializados na capital e a consolidação de um mercado de trabalho integrado, no qual

parcela significativa da população reside no município, porém desenvolve suas atividades produtivas e de consumo no núcleo central.

Todavia, essa força metropolitana coexiste com outras lógicas territoriais de similar impacto, destacadamente a dinâmica do complexo sucroalcooleiro. Esta conjunção de vetores antagônicos produz uma realidade complexa, analisável através da noção de "descompasso metropolitano". Se a metrópole exerce atração centrípeta, consolidando redes de complementaridade, a agroindústria canavieira impõe uma racionalidade produtiva expansionista e externamente orientada, concorrendo pela apropriação do território, força de trabalho e infraestrutura. Conforme identificado por Haesbaert (2020) em contextos similares, o município converte-se em arena de multiterritorialidades, onde atores sociais e espaços físicos são simultaneamente atravessados por essas influências concorrentes.

Simultaneamente, observa-se a consolidação da dupla polaridade regional entre Goiânia e Anápolis, núcleos urbanos que concentram e redistribuem fluxos materiais e simbólicos, aptos a incorporar inovações técnico-científicas e a promover transformações territoriais. Este fenômeno insere-se em um quadro histórico mais amplo, onde a emancipação política municipal espelha o redimensionamento espacial da sociedade, intermediado pela ação planejadora do Estado. O desenvolvimento econômico brasileiro no período posterior à década de 1940 acelerou a articulação entre centros urbanos de distintas dimensões, fomentando o fracionamento municipal através da interação entre dinâmicas locais e supralocais.

A experiência contemporânea nacional demonstra a correspondência entre a instituição de unidades administrativas e o processo de urbanização, especialmente na expansão de grandes aglomerações metropolitanas. Ainda que numerosos municípios tenham surgido em contextos de urbanização incipiente e ordenamento territorial deficitário, constata-se que sua sustentação financeira com frequência depende de repasses federais, particularmente do Fundo de Participação Municipal (FPM), estabelecido pela Lei nº 3.800/1960. Esta realidade evidencia a intrincada relação entre processos socioespaciais endógenos e mecanismos institucionais exógenos na configuração do atual panorama municipal brasileiro.

Uma hipótese para esse fatiamento dos espaços está na necessidade de reprodução do capital. O movimento do capital gera expansão urbana, sendo o reflexo mais evidente dessas

fragmentações. Um território se divide porque há necessidade de criar novas demandas sociais, políticas e econômicas. Entretanto, essa expansão não é privilégio apenas dos arredores das metrópoles, até porque as cidades do entorno crescem mais do que as metrópoles. Como aponta Lencioni, ao afirmar que:

A transformação dos arredores da cidade pela expansão urbana não se constitui num privilégio das metrópoles se fazendo presente em várias cidades, em especial nas maiores, mas, é importante observar que esse tipo de expansão não é exclusiva delas. Encontramos cidades com milhões ou mesmo milhares de habitantes que vêm expandindo sua área urbana, em grande parte relacionada à produção de moradias, mas também ao desenvolvimento de novas localizações para abrigar as atividades econômicas, tais como indústrias, shoppings-centers, comércio e serviços. Essa expansão pode ou não vir acompanhada de novas centralidades e denunciam a importância que vem assumindo a dispersão territorial das atividades econômicas relativas ao processo de reestruturação socioespacial que vão imprimindo opacidade aos limites territoriais das cidades (LENCIONI, 2010).

A autora explica que a produção das moradias se destaca para os arredores das grandes cidades, gerando novas centralidades e dispersão territorial, com isso induz uma reestruturação socioespacial em direção aos limites das cidades. Essa produção do espaço urbano é provida pelo ônus do Estado e da iniciativa privada.

O espaço urbano consolida-se como “*locus*” privilegiado da acumulação capitalista, materializada tanto nos processos de valorização fundiária para concentração de riqueza quanto nos investimentos estatais em infraestrutura. A cidade transforma-se progressivamente em mercadoria, sujeita a mecanismos de apropriação privada que potencializam a reprodução do capital. Esta investigação justifica-se pela imperativa atualização dos estudos de Teixeira (2013) acerca da realidade municipal de Inhumas e seu posicionamento na Região Metropolitana de Goiânia.

Diante deste quadro, o presente estudo elegeu como objetivo primordial examinar as dimensões socioespaciais de Inhumas/GO no contexto metropolitano, com ênfase nas interfaces entre a dinâmica metropolitana e a expansão do complexo agroindustrial. Buscou-se apreender, de forma integrada, os padrões de uso e ocupação do território, os efeitos socioambientais decorrentes e as reconfigurações econômicas e territoriais que orientam o desenvolvimento local. A abordagem metodológica, fundamentada no estudo de caso, propôs contextualizar o município no cenário regional, considerando as interações políticas, econômicas e sociais que determinam sua configuração e função na rede urbana metropolitana.

Materiais e métodos

A presente pesquisa, desenvolvida no município de Inhumas, estado de Goiás – integrante da Região Metropolitana de Goiânia (RMG) –, no período de março de 2023 a maio de 2024, adotou o estudo de caso como sua abordagem metodológica. Esta opção justifica-se pela necessidade de uma análise aprofundada de um recorte territorial específico, cuja singularidade demanda uma investigação contextualizada. A escolha por Inhumas deve-se à sua posição singular na RMG, caracterizada por dinâmicas socioeconômicas e espaciais particulares, como o intenso processo de conurbação e a dependência funcional em relação ao polo metropolitano, que coexistem com uma economia local historicamente vinculada ao agronegócio. Para captar a complexidade inerente a este contexto, a operacionalização do estudo de caso foi estruturada em etapas complementares, a saber:

1. Revisão bibliográfica e análise documental – Foram consultadas obras acadêmicas, artigos científicos e teses relacionadas à metropolização, agronegócio e dinâmica socioespacial, com destaque para a tese de Teixeira (2013), utilizada como referência central. A análise documental incluiu legislações municipais e estaduais, planos diretores, relatórios institucionais e documentos oficiais da Prefeitura de Inhumas e de outros municípios da RMG.

2. Atualização de dados secundários – Realizou-se a coleta e sistematização de dados referentes ao período de 2010 a 2023, provenientes do Instituto Mauro Borges (IMB), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sistema de Estatísticas Vitais, prefeituras da RMG e bases cartográficas oficiais.

3. Análise geoespacial – Utilizaram-se imagens de satélite de alta resolução (Google Earth Pro e Sentinel-2), processadas no software QGIS, para identificar mudanças no uso e ocupação do solo. Foram elaborados mapas temáticos, possibilitando a comparação temporal e espacial das transformações territoriais.

4. Tratamento e tabulação de dados – As informações socioeconômicas e territoriais foram organizadas em planilhas eletrônicas (Excel), possibilitando a elaboração de tabelas, gráficos, quadros e organogramas que sintetizam a dinâmica socioespacial local.

5. Integração e interpretação dos resultados – Com base na análise comparativa entre as evidências empíricas e os referenciais teóricos, elaboraram-se sínteses interpretativas, situando o papel regional de Inhumas no contexto da RMG.

Esse método pode ser replicado em outros municípios, desde que sejam observadas as mesmas etapas: definição de unidade territorial, levantamento bibliográfico e documental, atualização de dados secundários, análise geoespacial, tabulação estatística e elaboração de sínteses interpretativas.

Resultados e discussão

O poder de polarização de Goiânia tem gerado uma aglomeração urbana dispersa e territorialmente expandida, caracterizando-se como uma cidade-região. Sua delimitação é complexa devido aos limites difusos, decorrentes dos fluxos diários de pessoas que moram em um município e trabalham ou estudam em outro. Conforme Lencioni (2006), a fragmentação crescente do espaço associa-se à descontinuidade da mancha urbana, “desurbanizando” as formas tradicionais de urbanização. O espaço fragmenta-se em função das diferenças estruturais de ordem econômica, política e social, estabelecendo hierarquias nas relações de subordinação e dominação. Dessa forma, o espaço produzido é simultaneamente homogêneo, fragmentado e hierarquizado.

Dessa forma, a dinâmica socioespacial de Inhumas no contexto da Região Metropolitana de Goiânia (RMG) configura-se por uma tensão estrutural entre forças centrípetas e centrífugas. Por um lado, a metropolização, entendida como um “processo de reorganização espacial que articula e subordina territórios a uma lógica metropolitana” (LENCIONI, 2009, p. 45), exerce uma atração constante, materializada em fluxos diários de trabalhadores e na dependência de serviços especializados localizados na capital. Por outro, a consolidação do município como polo do complexo sucroalcooleiro impõe uma lógica produtiva extensiva e globalizada, competindo pela governança do território. Esta interação antagônica gera o que se pode conceptualizar como um “descompasso metropolitano”, onde a integração funcional convive com uma significativa autonomia econômica.

A posição de Inhumas na rede urbana brasileira, classificada como um centro sub-regional pelo IBGE (2020), reflete essa condição híbrida. O município não se enquadra

plenamente na categoria de cidade-dormitório, nem constitui um núcleo absolutamente autônomo. Conforme Santos (2004, p. 78) alerta, "o território é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações", e em Inhumas esses sistemas são orientados por racionalidades distintas: a da circulação metropolitana e a da produção agroindustrial. A análise dos fluxos de transporte e comunicação evidencia essa dupla inserção, conectando-o simultaneamente a Goiânia e aos circuitos nacionais e internacionais do agronegócio.

A reconfiguração produtiva local, marcada pela expansão canavieira sobre áreas de Cerrado e pastagens, é um dos desdobramentos mais impactantes desta dinâmica. Esta transformação, que Haesbaert (2020, p. 112) descreve como parte de um processo de "regionalização por cima", implica numa homogeneização da paisagem e numa significativa alteração da estrutura agrária. A substituição de propriedades diversificadas por latifúndios canavieiros não apenas modifica o perfil econômico, mas também redefine relações de trabalho, substituindo postos formais por ocupações sazonais, com profundos reflexos na renda e na qualidade de vida da população local.

Paralelamente, o fenômeno da expansão urbana descontínua, típica de regiões metropolitanas, assume características particulares em Inhumas. Conforme ilustrado pelo Mapa de Expansão Urbana da RMG (1990-2020), a mancha urbana do município não avança de forma concêntrica e consolidada, mas sim de maneira fragmentada, pressionada tanto pela especulação imobiliária de origem metropolitana quanto pela necessidade de infraestrutura logística do agronegócio. Esta forma de ocupação, segundo Fix (2001, p. 90), gera uma "periferização seletiva", criando bolsões de valorização e degradação que acentuam a segregação socioespacial intramunicipal.

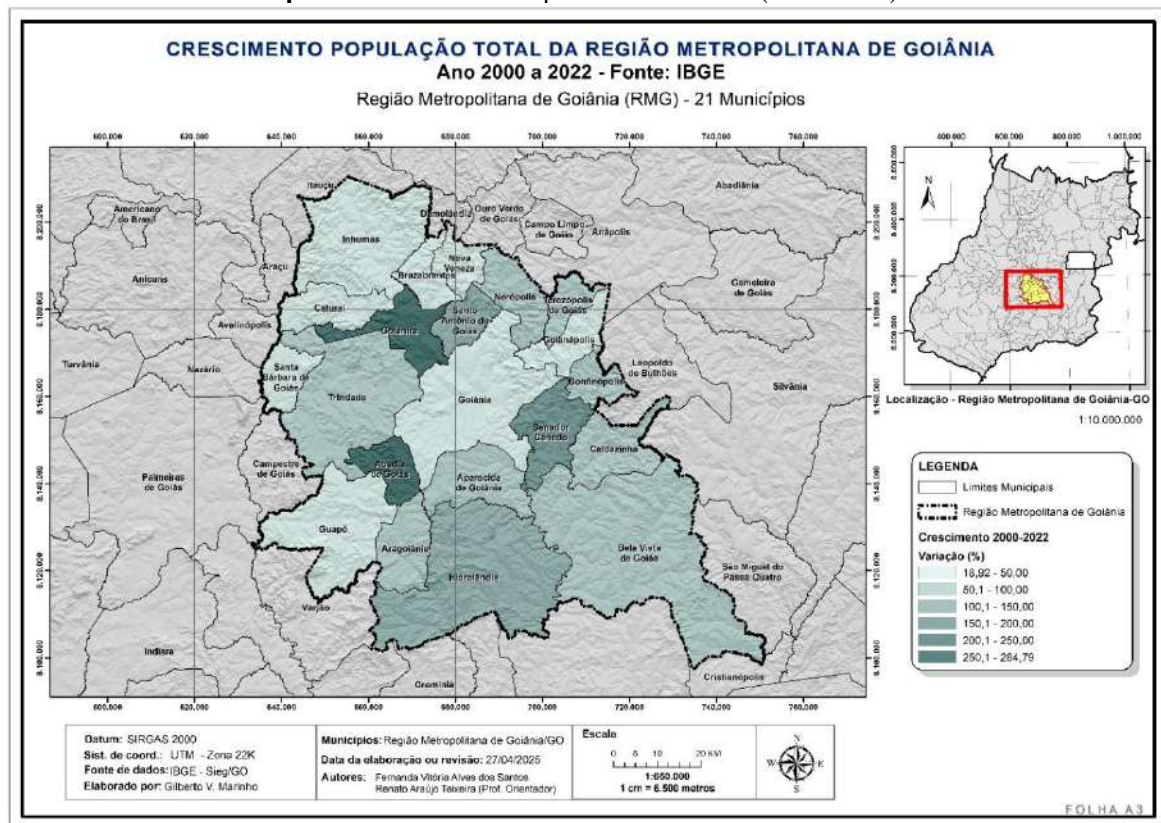
Os impactos socioambientais decorrentes deste modelo de desenvolvimento tornam-se cada vez mais evidentes. A monocultura canavieira, associada à pressão urbana, exerce forte pressão sobre os recursos hídricos e contribui para a fragmentação de ecossistemas nativos do Cerrado, bioma já intensamente ameaçado. Esta realidade corrobora a tese de Acselrad (2009) sobre a "dissolução de bases territoriais" de populações tradicionais e do próprio equilíbrio ecológico, em favor de um padrão de acumulação que prioriza *commodities* para o mercado externo em detrimento da sustentabilidade local.

Diversos conceitos buscam definir esse fenômeno: metápole, metrópole-região, cidade-região e exópole. Entre eles, o termo mais recorrente é cidade-região, como proposto

por Scott, et al. (2001), devido à tendência das populações de grandes cidades vivenciarem mais a região do que apenas a metrópole, em função da intensa migração pendular.

No caso da Região Metropolitana de Goiânia (RMG), a inserção da capital foi determinante para o fatiamento territorial. Vários municípios cresceram e se desenvolveram a partir dessa influência, como mostra o Mapa 01 – Crescimento Populacional da RMG (2000–2022), no qual se observa aumento expressivo em municípios como Senador Canedo, Aparecida de Goiânia e Hidrolândia.

Mapa 01 – Crescimento Populacional da RMG (2000–2022).



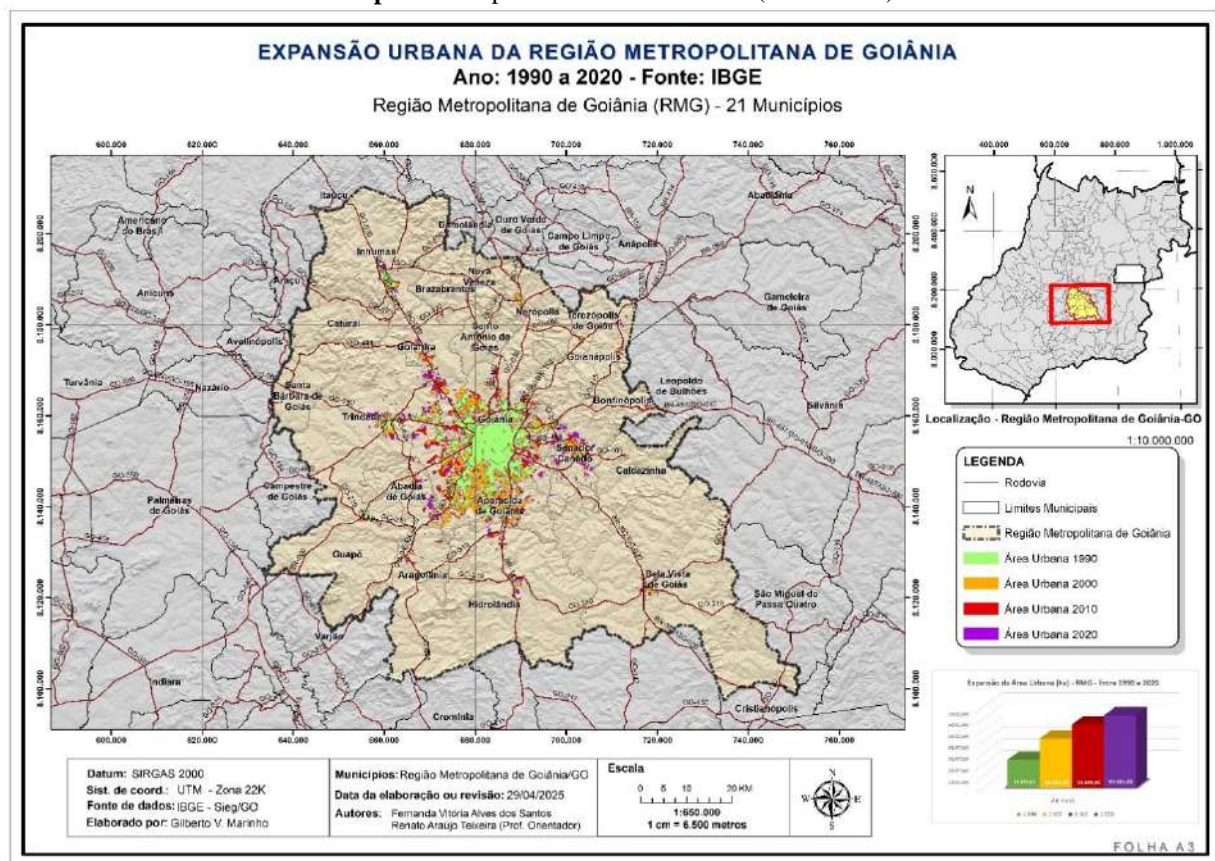
Fonte: IBGE/Sieg/GO. Org.: Gilberto Viana Marinho - 2025

A análise histórica evidencia que a configuração da Região Metropolitana de Goiânia (RMG) consolidou-se progressivamente entre as décadas de 1950 e 2010, tendo o eixo Goiânia-Inhumas como um de seus vetores estruturantes. Nesse período, observa-se a emancipação e o crescimento de municípios como Nerópolis, Nova Veneza, Goianira, Santo Antônio de Goiás, Caturai e Brazabrantes nesse corredor. Esse processo de fragmentação

político-administrativa redefiniu as conexões regionais, transformando uma paisagem outrora predominantemente rural em uma complexa malha de interdependências urbanas.

Essa reconfiguração territorial é materialmente corroborada pela notável expansão física da mancha urbana, conforme documentado no Mapa 02 – Expansão Urbana da RMG (1990–2020). A cartografia demonstra um padrão de propagação tanto contínuo quanto descontínuo das áreas urbanizadas, com clara polarização em torno dos núcleos metropolitanos principais – Goiânia, Aparecida de Goiânia e Senador Canedo –, ilustrando a intensificação do processo de metropolização na região ao longo das três últimas décadas.

Mapa 02 – Expansão Urbana da RMG (1990–2020)



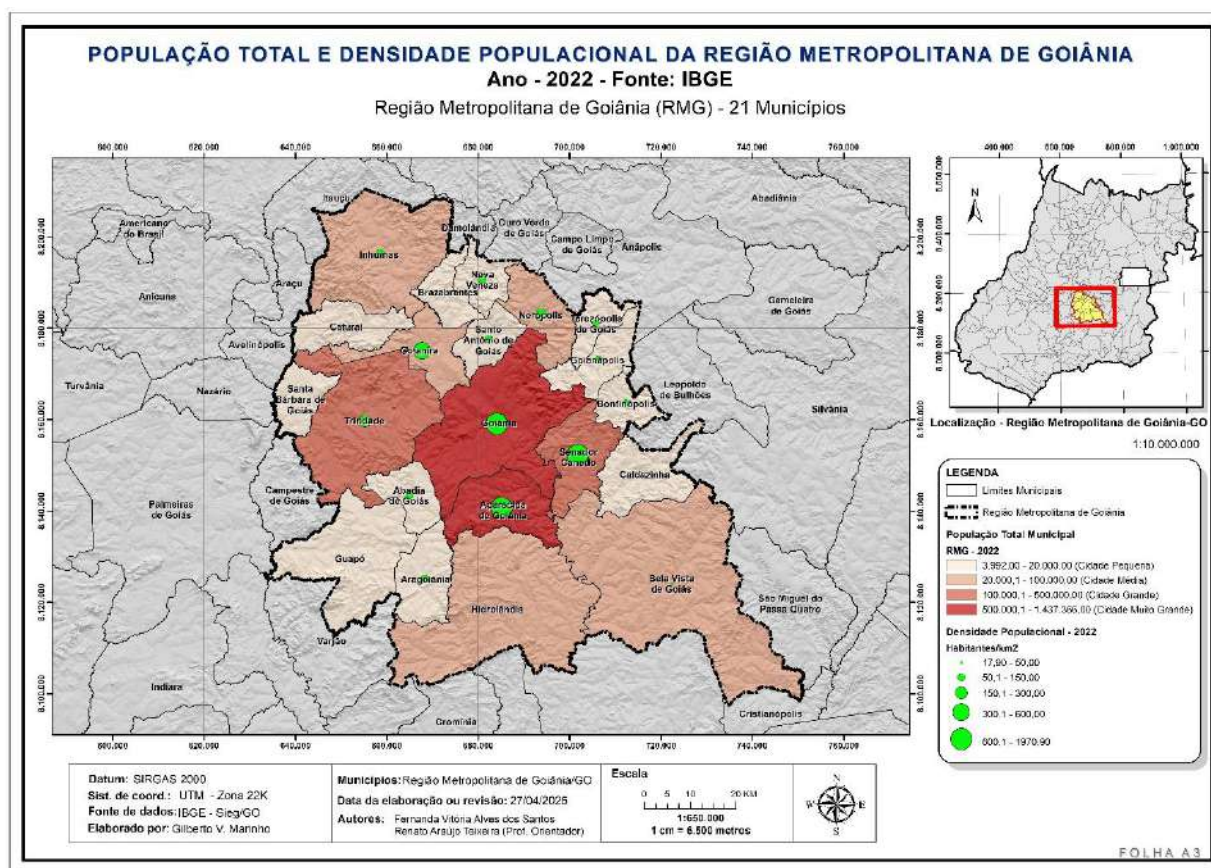
Fonte: IBGE/Sieg/GO. Org.: Gilberto Viana Marinho - 2025

Essa dinâmica expansionista corrobora a tese de Lencioni (2006) acerca da descontinuidade urbana, fenômeno caracterizado pela ocupação fragmentada do espaço e pela progressiva erosão dos limites interurbanos. Tal processo está intrinsecamente associado à disputa pelo território, compreendido como um produto da prática social, na qual municípios

do entorno metropolitano consolidam-se como epicentros de poder, exercendo controle sobre fluxos mercantis, financeiros e informacionais (LIMA, 2009). Nesse contexto, o território, conforme definido por Leite (2006), materializa-se por meio de processos de apropriação, demarcação e exercício de poder sobre uma porção do espaço, funcionando, portanto, como uma arena política delimitada por relações sociais situadas.

Nessa perspectiva, cada município integrante da RMG constitui um território específico, marcado por tensões e dinâmicas socioespaciais singulares. No caso de Inhumas, os padrões de uso e ocupação do solo refletem relações produtivas historicamente constituídas e disputas contemporâneas por recursos, conforme ilustrado pela análise do Mapa 03.

Mapa 3 – População total e densidade populacional da RMG (2022)



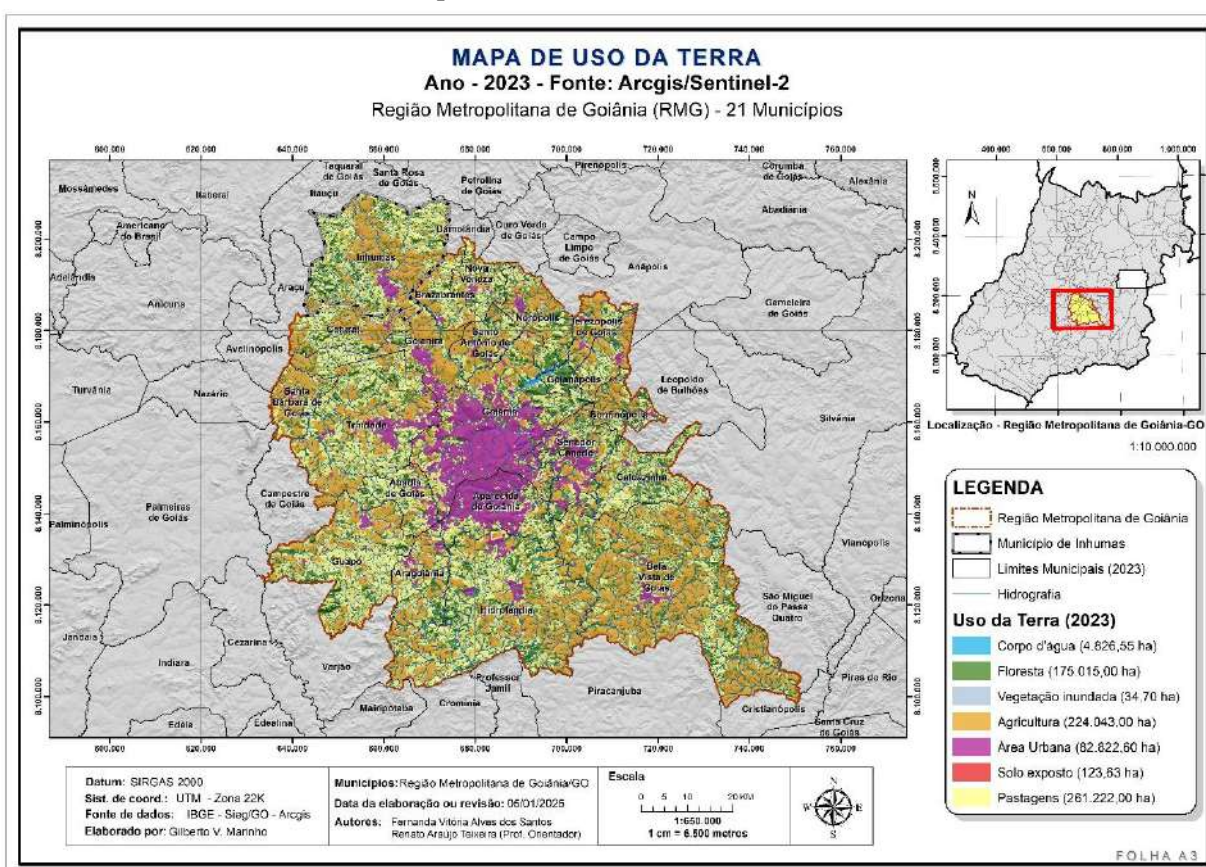
Fonte: IBGE/Sieg/GO. Org.: Gilberto Viana Marinho - 2025

A análise do Mapa 3 – População Total e Densidade Populacional (2022) – revela uma significativa disparidade na distribuição demográfica intrametropolitana. Enquanto o núcleo central, representado por Goiânia e Aparecida de Goiânia, exibe densidades

populacionais superiores a 1.900 hab./km², o município de Inhumas registra um patamar consideravelmente mais moderado. Este dado evidencia uma menor pressão por adensamento urbano no município, sugerindo uma relativa autonomia socioespacial em relação à dinâmica de conurbação da capital.

Essa assimetria é igualmente perceptível na estrutura produtiva do território, conforme ilustrado pelo Mapa 04 – Uso e Cobertura da Terra na RMG. A distribuição das atividades econômicas reforça a clássica relação centro-periferia na região. O eixo triádico Goiânia-Aparecida de Goiânia-Senador Canedo consolida-se como o principal polo de concentração das áreas urbanizadas, que somam 82.826 hectares. Em contrapartida, os municípios localizados na periferia metropolitana, como Inhumas, são caracterizados pela predominância de usos agropecuários, com expressivas áreas dedicadas à agricultura (224.043 ha) e pastagens (261.222 ha).

Mapa 04 – Uso da terra na RMG (2023)



Fonte: IBGE/Sieg/GO - Arqgis. Org.: Gilberto Viana Marinho - 2025

Tal configuração espacial consolida uma divisão territorial do trabalho na qual os municípios periféricos atuam fundamentalmente como fornecedores de recursos primários e como reserva de território para a futura expansão urbana da metrópole. Esta dinâmica, portanto, não apenas define funções econômicas complementares, mas também estrutura relações de dependência e condiciona o desenvolvimento socioespacial dessas localidades.

Em síntese, a metropolização de Goiânia, inserida no contexto do Cerrado, intensificou as contradições centro-periferia e promoveu a fragmentação territorial em sua área de influência. Apesar da interdependência funcional entre o núcleo metropolitano e os municípios circunvizinhos, a disparidade na distribuição de recursos e infraestrutura mantém obstáculos estruturais à governança regional integrada.

Nesse quadro, Inhumas apresenta uma configuração singular. O município preserva relativa autonomia em relação à dinâmica metropolitana, exibindo trajetória própria de desenvolvimento socioespacial. No entanto, essa condição não corresponde a um isolamento, mantendo-se vinculado funcionalmente aos fluxos econômicos, populacionais e logísticos da capital.

Evidências demográficas e econômicas apontam que, desde a década de 1990, Inhumas sofreu expressiva perda de centralidade na rede urbana metropolitana. Esse declínio ocorre em meio a transformações profundas, envolvendo mudanças nos padrões de uso do solo, reestruturação produtiva e crescente pressão expansionista do polo central.

Simultaneamente, verifica-se drástica reconfiguração da base socioambiental regional. O Cerrado, anteriormente marcado por paisagem diversificada com pastagens e cultivos variados, vê sua cobertura original sendo homogeneizada pela expansão canavieira. Esse processo, simbolizado pela eliminação de divisas fundiárias tradicionais, representa a consolidação de um modelo de acumulação em larga escala voltado ao setor energético. Movido pela demanda por etanol e bioeletricidade, tal dinâmica redefine profundamente a estrutura agrária e as relações socioespaciais municipais.

Desse modo, Goiás posiciona-se de forma destacada no avanço da fronteira agrícola canavieira no Centro-Oeste. Contudo, essa reconfiguração produtiva acarreta impactos multifacetados sobre o equilíbrio ecológico – especialmente nos recursos hídricos e na biodiversidade – e sobre as estruturas sociais tradicionais, alterando relações laborais, modos de vida e a organização do espaço rural.

No caso de Inhumas, embora enfrente fragilidades socioeconômicas, constata-se um descompasso em relação à centralidade de Goiânia. A hegemonia canavieira mitiga a integração plena ao circuito urbano-industrial metropolitano, redirecionando as estratégias de desenvolvimento local. Paralelamente, essa especialização impõe novas modalidades de gestão pública, condicionadas pelos interesses do setor sucroenergética e pela baixa diversificação econômica.

Em escala metropolitana, Inhumas perde a função intermediária que outrora exercia na articulação entre espaços rurais e urbanos. Essa perda de relevância reflete-se em indicadores econômicos, demográficos e de mobilidade, aprofundando a dependência em relação a Goiânia. A transformação territorial em curso revela um processo de metropolização assimétrico, no qual a integração física não se traduz necessariamente em convergência econômica ou social.

A análise cartográfica e temporal corrobora essa tendência: enquanto o entorno metropolitano diversifica seus usos do solo e atividades econômicas, Inhumas aprofunda sua especialização agrícola, reduzindo sua resiliência diante de flutuações de mercado e mudanças nas políticas energéticas.

Considerações finais

Esta investigação analisou a configuração socioespacial de Inhumas no âmbito da Região Metropolitana de Goiânia, demonstrando como o município constrói sua trajetória de desenvolvimento na interface entre as forças metropolitanas e a expansão do complexo agroindustrial. Os resultados revelam um padrão singular de crescimento, caracterizado por contradições territoriais e econômicas que conferem particularidade ao seu posicionamento no arranjo metropolitano. Evidenciou-se que o município mantém características distintivas no processo de metropolização, preservando temporalidades e dinâmicas que divergem dos núcleos intensamente integrados à capital.

A pesquisa identificou uma dualidade fundamental em sua estrutura produtiva: se por um lado a especialização canavieira garante relevância econômica, por outro impõe restrições à sustentabilidade ambiental e à diversificação setorial. Esta condição gera vulnerabilidades perante flutuações de mercado e políticas energéticas, limitando a resiliência do desenvolvimento local. Neste contexto, observa-se que a hegemonia do agronegócio mitiga a

integração plena ao circuito urbano-industrial metropolitano, configurando o que se denominou como "descompasso metropolitano".

Contudo, identificam-se oportunidades para o fortalecimento de setores estratégicos capazes de reequilibrar as relações com a metrópole. A consolidação de cadeias produtivas locais, o aproveitamento de vocações turísticas e o estímulo à economia criativa surgem como alternativas para uma inserção metropolitana mais vantajosa. Tais iniciativas poderiam reverter a tendência de perda de centralidade hierárquica observada nas últimas décadas, reativando a função intermediária que o município historicamente exerceu na articulação regional.

Os resultados obtidos posicionam Inhumas como caso emblemático de desenvolvimento territorial diferenciado em contexto metropolitano, demonstrando a viabilidade de coexistência com a influência da capital sem subordinação econômica integral. Esta condição singular deriva justamente de sua capacidade de manter certa autonomia produtiva, ainda que às custas de significativos passivos socioambientais e de dependência de um setor primário-exportador.

As lacunas identificadas sugerem promissoras direções para investigações futuras, particularmente no que concerne à interface entre políticas públicas e expansão agroindustrial, aos efeitos ambientais cumulativos da monocultura e ao papel das economias locais na preservação da autonomia municipal. Igualmente relevante seria aprofundar a análise comparativa dos padrões de desenvolvimento assimétrico na RMG, examinando as dinâmicas populacionais decorrentes da interação metropolitana.

Conclui-se que o caso de Inhumas enriquece o debate acadêmico sobre as complexas interações entre urbanização e agronegócio, oferecendo substrato analítico para políticas públicas que almejem conciliar crescimento econômico com sustentabilidade ambiental e equidade social. O município exemplifica como é possível construir trajetórias alternativas de desenvolvimento regional que, sem renunciar aos benefícios da integração metropolitana, preservam identidade territorial e capacidade de governança local, ainda que dentro de limites estruturais impostos pelo modelo econômico hegemônico.

Referências

ACSELRAD, H. (Ed.). **A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

FIX, M. **Parceiros da exclusão: duas histórias da construção de uma "nova cidade" em São Paulo**. São Paulo: Boitempo, 2001.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Paris: Éditions Anthropos, 1991.

LEITE, M. Â. F. P. L. Uso do território e investimento público. **Revista GeoTextos**, v. 2, n. 2, 2006.

LENCIONI, S. Reconhecendo metrópoles: território e sociedade. In: DA SILVA, C. A.; FREIRE, D. G. (Orgs.). **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.

_____. Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano. In: **Actas del XI Coloquio Internacional de Geocrítica**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2 - 7 de maio de 2010.

LIMA, R. M. B. de F. Territorialidade e resistência: práticas espaciais criando novas regras de uso do território no extrativismo do babaçu. In: **EGAL: 12 Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 3 a 7 de abril de 2009, Montevideo, Uruguay.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCOTT, A. et al. Cidades-Regiões Globais. **Espaço e Debates**, n. 41, p. 11-25, 2001.

TEIXEIRA, R. A. **No descompasso da metrópole: um estudo sobre a dinâmica espacial da região metropolitana de Goiânia a partir do município de Inhumas**. Goiânia, GO: Editora - IFG, 2013.